

Cronologicamente, A. Martinho Baptista situa a estátua entre finais do III milénio e meados do II a. C.

Por último, o autor tece largas e judiciosas considerações a propósito de um dos mais difíceis capítulos destes estudos, como é o do significado destas estátuas. E se são várias as hipóteses, fica, porém, certa a sua classificação como representação antropomórfica feminina, para o que contribuiu, decisivamente, o par de seios constituídos por círculos concêntricos, e que se ligam à «fase clássica» da arte rupestre de ar livre do Noroeste peninsular.

Estamos, pois, perante um estudo exaustivo de um belo e significativo exemplar de estátua-menir, proposta que nos parece perfeitamente justificada.

Quanto ao mais, A. M. Baptista revela grande segurança na sua argumentação, o que não espanta, dada a maneira como maneja uma bem seleccionada bibliografia especializada.

De relevar, ainda, a boa representação gráfica, muito importante neste tipo de estudos.

EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA

---

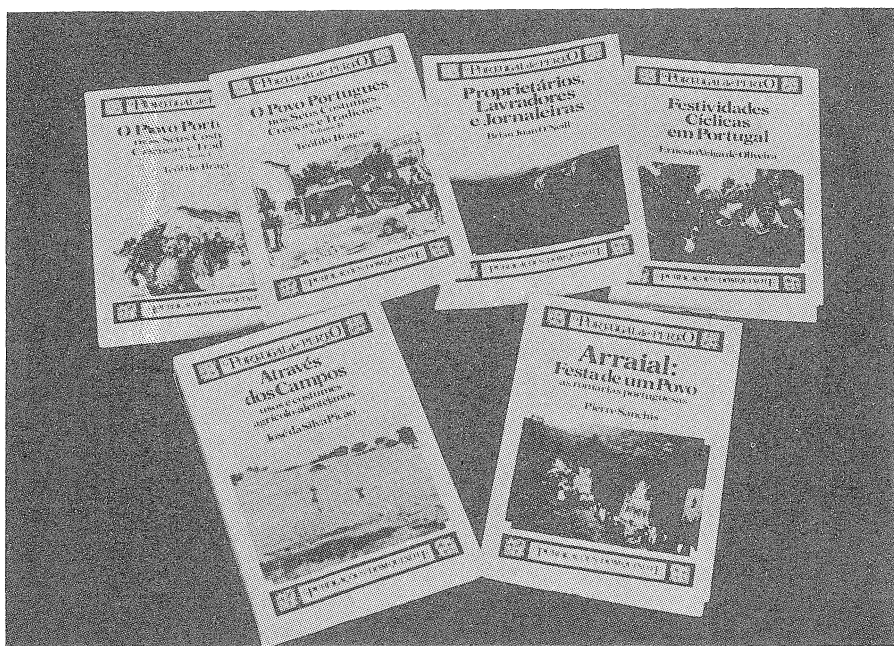
## PORTUGAL DE PERTO

### Uma colecção exemplar

É verdadeiramente exemplar esta colecção PORTUGAL DE PERTO, série de livros seleccionados por Joaquim Pais de Brito, docente do ISCTE, editada por Publicações Dom Quixote. De acordo com a designação, trata-se de uma biblioteca de estudos etnográficos e antropológicos referentes ao espaço português, abordando os mais diversos aspectos culturais. E os trabalhos de base destas obras têm também em comum o serem de acção directa junto das fontes, recolhendo as matérias para o conhecimento do país — tantas vezes longe de si próprio. Especialistas, estudantes e o chamado grande público encontram aqui muitos motivos de interesse. Eis, pois, uma boa gama de instrumentos para a descoberta do povo que ainda somos.

Vejamos, numa rápida ronda, o que está publicado em «Portugal de Perto». Pois o primeiro livro é já a clássica *História do Fado*, de Pinto de Carvalho (Tinop), decerto o estudo mais valioso sobre as origens e desenvolvimento do típico cantar do folclore urbano lisboeta. A este estudo haveria que acrescentar aqueloutro de António Osório, *A Mitologia Fadista*, que se circunscreve a uma perspectiva sociológica mais moderna, mas o prefácio que Pais de Brito escreveu para este volume é um óptimo enquadramento. E de Lisboa passamos aos estudos dos usos e costumes alentejanos, com *Através dos Campos*, de José da Silva Picão, um lavrador de Santa Eulália, Elvas. A obra começou por ser uma série de artigos no *Elvense*, subscritos com o pseudónimo de João Chaparro, e também a rubrica *Etnografia do Alto Alentejo* na revista *Portugalia*. Em 1903 saíu em fascículos o 1.º tomo da obra e em 1905 começaram a ser editados os fascículos do 2.º, que ficaria inacabado. Sobre *Através dos Campos*, Pais de Brito: «uma etnografia da complexa lavoura alentejana e um

precioso contributo para a história económica e social». A. Tomás Pires, em carta (inédita) a J. Leite de Vascelos: «Vão no correio de hoje os 6 artigos publicados do *Através dos Campos*. Segundo me diz o autor deles, o estudo deve dar para cima de 100 artigos. Temos homem, a meu ver.» Por seu turno, Trindade Coelho, escrevendo ao editor de *Através dos Campos* — quer no jornal *Elvense*, quer nos fascículos —, a 29 de Maio de 1903, recomendava (em carta igualmente inédita): «Diga ao Picão que está fazendo uma verdadeira obra-prima, uma realíssima e completa maravilha! Que surpreendente verdade em tudo o que ele descreve, e na maneira como descreve! Que admirável artista é esse homem, e como tudo lhe sai espontâneo, vivo, abundante, colorido e cheio de pitoresco, da sua pena desafectada! Com as notas — tão minuciosas e tão precisas — da vida real, positiva, *através dos campos*,



que abundância de anotações psicológicas para o estudo da alma do Povo. Este livro não é só singularíssimo na maneira como trata o assunto, porque não há outro que se lhe pareça sequer: — é originalíssimo na maneira como trata o assunto, única, a meu ver, que se lhe adapta, chegando, de baixo deste aspecto, a ser um trabalho literário de altíssimo valor! — Quer acreditar?! Produz-me emoção absolutamente idêntica à que me causa a leitura dos livros de Júlio Dinis! Não sei dizer-lhe, meu caro António Carvalho, toda a minha admiração por esta obra surpreendente. Eis aqui um livro que os sábios e os artistas hão-de adorar sempre com enternecimento! Já falei no livro ao Fialho de Almeida. Vou procurá-lo, para lhe ralhar se ainda o não leu!». O autor de *Através dos Campos*, dirigindo-se a Rocha Peixoto, já em 1899, 15 de Outubro (pub. *Póvoa de Varzim — Boletim Cultural*, Vol. XII, I, 1973): «Como

terá informado V. Exa. o nosso comum amigo Sr. Pires, os usos e costumes agrícolas do Alto Alentejo conheço-os desde criança e estou a presencê-los a toda a hora, por efeito da minha profissão de lavrador. Logo, pouco me custa vulgarizá-los na imprensa, onde só posso ser um simples serventuário da pleiade de homens ilustres que, como V. Exa. cultivam e elevam a ciência etnográfica».

Dois autores estrangeiros falaram de Portugal há bem pouco tempo: Pierre Sanchis, *Arraial: Festa de um Povo*, sobre as romarias portuguesas, e *Proprietários, Lavraões e Jornaleiros*, de Brian Juan O'Neill. Enquanto aquele é um estudo pioneiro sobre o tema, o segundo trata da desigualdade social numa aldeia transmontana entre 1870 e 1978.

Três títulos mais, dois relacionados com a capital portuguesa e outro sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto no nosso país: *Da prostituição na cidade de Lisboa*, por Francisco Ignácio dos Santos Cruz, *O Trágico e o Contraste — Aproximações ao Fado no Bairro de Alfama*, de António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, e *Dar à luz*, de Teresa Joaquim.

Sem dúvida que é das obras mais interessantes da colecção o volume *Festividades Cíclicas em Portugal*, recolha de dispersos de Ernesto Veiga de Oliveira. É um volume que se aguardava de longa data e alcançou rápido sucesso editorial. O mesmo está a suceder com os dois volumes de Teófilo Braga, *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*, com apresentação de Jorge Freitas Branco, onde se lê: «Volvidos que são cem anos sobre a publicação da sua grande obra etnográfica não perdeu qualquer interesse lembrá-la pela reedição, rever nela as ideias oitocentistas com o distanciamento crítico do tempo percorrido, repensar a seu propósito o quadro de desenvolvimento de ramos de conhecimento científico em Portugal, reflectir sobre os condicionalismos ideológicos do pensamento e trabalho etnográfico e, finalmente, facilitar ao público o acesso a um texto cheio de pormenores dum quotidiano para muitos de nós ainda não completamente votado ao esquecimento». De considerar ainda a reedição de mais um clássico da literatura oral *Contos Populares*, de Adolfo Coelho. Enfim, eis-nos perante uma série de títulos importantes para o estudo da cultura popular portuguesa — que está a conhecer uma época semelhante, no entusiasmo aos últimos anos do século passado e início do presente. Que dure muitos e bons anos esta colecção PORTUGAL DE PERTO e o exemplo frutifique.

V. M.